



## Mulheres na Ciência: o que dizem os anais do EDEQ e QNEsc no período de 2014 a 2024?

Giovanna Vitória Paviin Tordin <sup>1</sup>  
Renata Hernandez Lindemann <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo analisa a presença da temática "Mulheres na Ciência" no Encontro de Debates sobre o Ensino de Química (EDEQ) e na Revista Química Nova na Escola (QNEsc) entre 2014 e 2024. Por meio de revisão bibliográfica, identificou-se a escassez de publicações que abordam a participação feminina na ciência, evidenciando a persistência da invisibilidade de gênero na Educação Química. No EDEQ, apenas três trabalhos abordaram a temática ao longo de dez anos e na QNEsc foram cinco publicações em um intervalo de cinco anos. Observou-se que a maioria dessas produções é assinada por mulheres, reforçando a necessidade de ampliar esse debate em ambientes acadêmicos. O estudo destaca a urgência de incorporar discussões de gênero de forma sistemática nos espaços formativos, reconhecendo o papel das mulheres na ciência e promovendo uma formação mais plural e inclusiva.

**Palavras-chave:** Mulheres na ciência, Efeito Matilda, Revisão bibliográfica.

### INTRODUÇÃO

A área de Ensino de Química tem se consolidado como um campo de investigação que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, buscando compreender os processos de ensino e aprendizagem em suas múltiplas dimensões. Um dos desafios enfrentados pelos professores está relacionado às concepções prévias dos alunos, muitas vezes baseadas no senso comum, o que exige do docente a construção de uma interação educativa capaz de promover a negociação de significados e a construção coletiva do conhecimento científico (Schnetzler, 2002, p. 3). Uma das estratégias para enfrentar essas concepções alternativas é promover um ensino contextualizado, que aproxime os conteúdos escolares da realidade dos estudantes. Nesse sentido, autores como Leite (2019, p. 707) e Silveira et al. (2018, p. 1) propõem o uso de jogos didáticos, como cartas, tabuleiros, bingo e softwares educativos, abordando temas como a Tabela Periódica e a Química Forense, respectivamente. Tais abordagens contribuem para tornar o processo de aprendizagem mais significativo, favorecendo a reconstrução dos conceitos científicos e a superação das ideias oriundas do senso comum. Essas estratégias

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, [gtordin22@gmail.com](mailto:gtordin22@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora do curso de Química Licenciatura e do Programa de Pós-graduação em Ensino - UNIPAMPA, [renatalindemann@unipampa.edu.br](mailto:renatalindemann@unipampa.edu.br)



X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

lúdicas e interativas, ao serem inseridas de forma planejada no contexto escolar, não apenas motivam os alunos, mas também fortalecem a compreensão conceitual e o papel crítico da ciência na sociedade. No entanto, apesar dos avanços nas práticas educativas e no ensino de Ciências, ainda se observa uma significativa desigualdade de gênero no campo científico. A atuação das mulheres na ciência, embora historicamente relevante, foi muitas vezes invisibilizada, sendo necessário resgatar e valorizar suas contribuições tanto na pesquisa quanto no ensino de Química (Cunha et al., 2014, p. 407).

A cientista Marie Curie é um dos nomes mais emblemáticos quando se fala da presença feminina na ciência. Em 1903, ela foi laureada com o Prêmio Nobel de Física, junto a Pierre Curie e Henri Becquerel. No entanto, foi apenas em 1911 que recebeu, individualmente, o Prêmio Nobel de Química, tornando-se a primeira mulher da história a alcançar tal feito (Cunha et al., 2014, p. 108). A importância de resgatar sua trajetória vai além do mérito científico: trata-se de reconhecer o papel das mulheres na ciência, especialmente frente à crescente participação feminina em universidades e centros de pesquisa ao redor do mundo. Contudo, ainda hoje, mulheres enfrentam barreiras e limitações que, embora diferentes das vivenciadas por Curie no início do século XX, continuam a restringir seu reconhecimento e ascensão na carreira científica. De acordo com Cunha et al. (2014, p. 410), a maioria das meninas não se vê representada na figura do cientista, o que contribui para um desinteresse precoce pelas áreas de ciência e tecnologia. Isso levanta uma questão crucial: como motivar estudantes, especialmente meninas, a seguirem carreiras científicas se o ensino permanece centrado na simples transmissão de conteúdos, sem espaço para questionamentos, contextos históricos e discussões de gênero? Nesse contexto, destaca-se o Efeito Matilda, fenômeno enfrentado por diversas mulheres cientistas ao longo da história, que contribuiu para acentuar sua invisibilidade. Segundo Fernandes (2021, p. 5), o Efeito Matilda refere-se à ocultação das contribuições de mulheres na Ciência e na Tecnologia, frequentemente atribuídas exclusivamente a homens. Um exemplo emblemático é o caso de Julia Hall, uma cientista que, no século XIX, teve a patente do processo eletrolítico de produção de alumínio atribuída a seu irmão, Charles Hall, o qual foi reconhecido mundialmente e premiado por essa descoberta.

Diante desse cenário, torna-se essencial discutir e promover estratégias que valorizem a representatividade feminina na ciência desde os anos escolares, ampliando as possibilidades de identificação e pertencimento das meninas com as carreiras científicas. Tal abordagem é



X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

fundamental não apenas para combater desigualdades históricas, mas também para tornar o ensino de Química mais inclusivo, crítico e socialmente relevante.

A escolha do tema "Mulheres na Ciência" surgiu da inquietação diante da invisibilidade histórica das contribuições femininas no desenvolvimento científico. Como mulher e futura educadora na área da Química, considero essencial questionar por que tantas pesquisadoras foram silenciadas ao longo dos séculos. Essa inquietação se intensificou ao perceber que, mesmo em eventos científicos e educacionais como o Encontro de Debates sobre o Ensino de Química (EDEQ), essa temática ainda é pouco discutida de forma sistemática. Escolher estudar quais trabalhos abordaram a participação feminina na ciência no EDEQ entre os anos de 2014 e 2024 foi uma forma de compreender como esse debate tem sido incorporado ou negligenciado nas produções acadêmicas voltadas à educação química.

Este trabalho busca realizar uma revisão da produção apresentada em um dos principais eventos de ensino de Química no Rio Grande do Sul, assim como em uma das mais conceituadas revistas de ensino de Química do Brasil. A ausência ou escassez de trabalhos sobre mulheres na ciência reflete um problema maior: a perpetuação do apagamento histórico e da desigualdade de gênero na formação científica. Através de uma revisão bibliográfica, é possível mapear essa ausência e identificar quais abordagens já foram feitas, oferecendo um diagnóstico que pode direcionar ações futuras. Dessa forma, o trabalho busca contribuir para tornar visível um problema estrutural, promovendo uma reflexão crítica entre estudantes, docentes e organizadores de eventos.

Ao investigar a presença da temática "Mulheres na Ciência" no EDEQ e na Revista Química Nova na Escola (QNEsc), este trabalho contribui diretamente para a valorização da equidade de gênero no meio acadêmico e científico. A partir da análise do evento e da revista, que desempenham um papel central na formação e inspiração de professores(as) e pesquisadores(as), esta pesquisa reforça a necessidade de construir uma educação química mais representativa e inclusiva, que valorize a diversidade e combata o apagamento de trajetórias femininas na ciência. Além disso, ao dar visibilidade às cientistas e às discussões de gênero no campo da Química, o trabalho pode inspirar jovens e mulheres a persistirem na carreira científica, sentindo-se representadas e acolhidas. Assim, promove-se uma sociedade mais justa, onde meninas possam sonhar, desde cedo, em se tornar cientistas, sabendo que outras mulheres trilharam (e continuam trilhando) esse caminho com resistência e excelência.





O objetivo central deste artigo é discutir a presença das mulheres na ciência, conforme registrada em periódicos e eventos da área, no período de 2014-2024. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica e da análise de palavras-chave específicas.

## METODOLOGIA

A metodologia abordada nesta pesquisa é do tipo bibliográfica, que de acordo com Gil (2002, p. 44) configura-se na análise de produções já publicadas em livros, artigos científicos ou anais de eventos. Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica com foco na análise de produções sobre presença das mulheres na ciência, publicadas no evento EDEQ e na Revista QNEsc, no período de 2014 a 2024. O EDEQ é um evento tradicional do Rio Grande do Sul voltado à discussão de práticas pedagógicas e educacionais no ensino de Química. Sua primeira edição ocorreu em 1980, na PUCRS, em Porto Alegre, organizada por Maurivan Güntzel Ramos. Desde então, o evento acontece anualmente em diferentes instituições ou escolas, abordando temáticas variadas envolvendo o ensino da química. Já a renomada QNEsc, que tem o objetivo de reunir ideias e divulgar os resultados de pesquisas produzidas pela comunidade acadêmica voltada à educação em Química, promovendo a disseminação de conhecimentos e práticas inovadoras na área. Por meio da publicação de artigos, relatos de experiências e propostas metodológicas, a revista contribui para o avanço do ensino de Química, incentivando a reflexão crítica, a atualização profissional e a integração entre teoria e prática no contexto educacional (Baldinato; Porto, 2015, p. 170 ).

A metodologia adotada consistiu na busca de trabalhos através dos descritores “mulheres na ciência” e “Efeito Matilda”, presentes nos títulos ou nas palavras-chave das publicações científicas disponíveis nos anais do EDEQ e nos artigos da QNEsc. Nos anais do EDEQ, a busca foi realizada de três maneiras complementares: (1) por meio do sistema de submissão do portal do evento, utilizando as palavras-chave; (2) pela pesquisa direta nos E-books resultantes dos anais; e (3) pela análise manual de diversas publicações em PDF submetidas em determinadas edições. No caso da QNEsc, o procedimento consistiu em acessar o site oficial da publicação e utilizar o atalho “Ctrl + F” para localizar por meio dos termos de busca, nas palavras-chave e nos títulos dos artigos. A metodologia adotada consistiu na busca de trabalhos através dos descritores “mulheres na ciência” e “Efeito



Matilda”, presentes nos títulos ou nas palavras-chave das publicações científicas disponíveis nos anais do EDEQ e nos artigos da QNEsc. Nos anais do EDEQ, a busca foi realizada de três maneiras complementares: (1) por meio do sistema de submissão do portal do evento, utilizando as palavras-chave; (2) pela pesquisa direta nos E-books resultantes dos anais; e (3) pela análise manual de diversas publicações em PDF submetidas em determinadas edições. No caso da QNEsc, o procedimento consistiu em acessar o site oficial da publicação e utilizar o atalho “Ctrl + F” para localizar os termos de busca nas palavras-chave e nos títulos dos artigos. Além da identificação dos trabalhos, foram coletadas informações como o ano de publicação, o título completo, os autores e as instituições. Esses dados foram organizados em tabelas para permitir o registro e a comparação entre as diferentes publicações, no qual serão abordadas a seguir.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1. Gênero, Feminismo e Ciência

Historicamente, a ciência foi moldada sob uma lógica excludente, estruturada por um grupo social específico (homens brancos, europeus, cisgêneros, heterossexuais e de classes privilegiadas) que excluiu ativamente outras perspectivas e experiências. Como consequência, a produção científica tornou-se um espaço marcado pela invisibilização e desvalorização das contribuições femininas, muitas vezes apropriadas por homens (Lima et al., 2022, p. 138; Proença et al., 2016, p. 99). O reconhecimento da diversidade de feminismos, considerando interseções como raça, classe, sexualidade e cultura, permite um olhar mais plural sobre o papel das mulheres na ciência, superando a noção de um grupo homogêneo (Proença et al., 2016, p. 103).

A exclusão das mulheres da história oficial da ciência resultou em desigualdades estruturais que ainda hoje dificultam o ingresso, a permanência e a ascensão das mulheres nos campos científicos, mesmo diante do aumento de sua participação em cursos e instituições desde a década de 1970 (Lima et al., 2022, p. 138). O conceito de ciência foi historicamente definido a partir de uma ótica androcêntrica, o que reforça a necessidade de repensar seus fundamentos à luz dos estudos de gênero (Lima et al., 2022, p. 138; Proença et al., 2016, p. 99).

A filósofa Judith Butler contribui para essa discussão ao afirmar que o gênero, embora inicialmente atrelado a um determinismo biológico, é também uma construção

cultural que estabelece normas de comportamento e identidades socialmente reguladas. Segundo a autora, tanto o gênero quanto a ciência são atravessados por discursos que naturalizam desigualdades (Lima et al., 2022, p. 140). Nesse sentido, a sexualidade, bem como o gênero, é construída a partir de dispositivos sociais e políticos, manifestando-se em práticas, valores e representações (Proença et al., 2016, p. 99). A ciência, como prática social, não está isenta dessas influências.

## 2. Educação, Gênero e Formação Científica

O ambiente educacional é um espaço estratégico para o enfrentamento das desigualdades de gênero na ciência. Paulo Freire (1987, p. 5), em *Pedagogia do Oprimido*, defende uma educação libertadora, que acolha as diferenças humanas, de gênero, raça, cultura e outras, e promova a superação de relações opressoras. Nessa perspectiva, a escola deve atuar como espaço de inclusão, onde as múltiplas identidades dos sujeitos sejam valorizadas e debatidas.

O papel dos professores é fundamental nesse processo. Ao abordar preconceitos e violências (físicas, verbais e simbólicas) no cotidiano escolar, o corpo docente pode contribuir para desconstruir estereótipos de gênero e promover reflexões críticas desde os primeiros anos de formação. Tais discussões devem ultrapassar o caráter pontual e alcançar uma abordagem transversal, presente em todas as disciplinas, incluindo a Química, com vistas à construção de uma prática pedagógica mais justa e inclusiva (Lima et al., 2022, p. 141). Ainda segundo Lima e colaboradores (2022, p. 141), é nesse contexto que se defende a integração das temáticas de gênero e sexualidade nos currículos escolares de forma transversal. A disciplina de Química, como parte das Ciências da Natureza, deve se posicionar criticamente diante das desigualdades e incorporar tais discussões às suas práticas pedagógicas, promovendo reflexões contextualizadas e que dialoguem com a realidade dos estudantes.

## 3. A Presença de Gênero no Ensino de Ciências e na Educação Química

Apesar dos avanços teóricos e do crescimento do número de mulheres nas Ciências da Natureza, ainda se observam lacunas na formação docente e na abordagem das questões de gênero no ensino e na pesquisa. A participação feminina nos cursos superiores das áreas de Ciências da Natureza e Tecnológicas ainda é reduzida, evidenciando a permanência de barreiras institucionais e culturais (Kuehlewein; Faria; Nogueira, 2023, p. 2)

Batista e colaboradores (2011, p. 7) analisaram atas de eventos e periódicos da área de Ensino de Ciências e Educação Matemática entre 2005 e 2011, identificando uma escassez

de trabalhos que tratassem das relações de gênero na formação docente. Essa ausência reforça a urgência de ampliar o debate dentro das licenciaturas e dos programas de pós-graduação na área. Além disso, os documentos oficiais que orientam a educação no Brasil demonstram avanços e retrocessos em relação à inclusão das temáticas de gênero e sexualidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propuseram essas temáticas como temas transversais, representando um avanço significativo. No entanto, o Plano Nacional de Educação sofreu pressões conservadoras que levaram à exclusão explícita desses temas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, aborda "gênero" apenas em contextos textuais ou musicais e menciona "sexualidade" sob uma ótica restrita e biológica, afastando-se de uma abordagem crítica, ampla e formativa (Lima et al., 2022, p. 141).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela a seguir reúne os trabalhos, de 2014 a 2024 que continham o termo “mulheres na ciência” em suas palavras-chave.

**Tabela 1: Dispersão dos trabalhos nos EDEQ de 2014 a 2024**

Edição do EDEQ/ano	Trabalhos	Total de trabalhos na edição	% de trabalhos da pesquisa
43º/2024	-	132	0
42º/2023	T1 e T2	159	1,26/0,119
41º/2022	-	126	0
40º/2021	T3	115	0,87/0,059
39º/2020	-	226	0
38º/2019	-	212	0
37º/2018	-	163	0
36º/2017	-	214	0
35º/2016	-	170	0
34º/ 2015	-	160	0
10 Edições	3	1677	0,17

Observa-se, a partir da Tabela 1, que apenas nas 40ª e 42ª edições do EDEQ foram encontrados trabalhos relacionados à temática desta pesquisa, totalizando apenas três



publicações. Essa análise evidencia um cenário preocupante: a baixa representatividade de produções que abordam a presença das mulheres na ciência. Considerando o intervalo de dez anos e a relevância do evento para o ensino de Química, a pouca quantidade de trabalhos sobre o tema aponta para a urgência de ampliar o debate no meio acadêmico e educacional, bem como ampliar as pesquisas relacionadas a esta temática.

A seguir apresenta-se os trabalhos do EDEQ codificados seguidos dos títulos.

**Tabela 2: Identificador e título dos Trabalhos sobre Mulheres na Ciência**

ID	Trabalho
T1	Mapeamento Sistemático da produção científica sobre Mulheres na Ciência
T2	Divulgação e Representatividade de Mulheres Cientistas nas Escolas: Experiência e Experimentação com o Projeto “Gurias na Ciência”
T3	As mulheres na Ciência: o que mostram os trabalhos das RASBQ no período de 2015 a 2020?

A partir dos títulos acima, observa-se que todos os trabalhos contém “mulheres na ciência”. Dentre os títulos, percebe-se que dois deles são sobre análises de produções científicas (T1 e T3). É possível depreender destas informações que este tema se mostra pouco explorado pela comunidade de educadores químicos que participam do EDEQ. Além disso, apenas um dos trabalhos se relaciona com uma abordagem da temática no contexto de um projeto sobre Gurias na Ciência. Não foram identificados trabalhos que no título ou nas palavras chave fizessem uso do termo Efeito Matilda.

**Tabela 3: Instituições e autores dos Trabalhos sobre Mulheres na Ciência do EDEQ**

ID	Instituições	Autoria
T1	Universidade Federal do Rio Grande e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul	Bruna Botelho Silva (IC), Alessandra Gomes da Costa (FM), Aline Machado Dorneles (PQ).
T2	Universidade Federal do Rio Grande e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul	Luisa Reinheimer Kreche (PG), Márcia Victória Silveira (TC), Maura Luíse Bruckhem Peixoto (PG), Alessandra Gomes da Costa (FM), Emanuele Ferreira Lessa (PG), Bruna Botelho Silva (IC), Aline Machado Dorneles (PQ), Vania Rodrigues de Lima (PQ).
T3	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Raquel Trindade Rita (IC),



		André de Azambuja Maraschin (PG), Renata Hernandez Lindemann (PQ).
--	--	---

Na tabela anterior permite identificar que são duas as instituições de ensino com trabalhos publicados, duas universidades federais e um instituto federal. Além disso, observa-se que a maioria dos autores, com exceção aos professores pesquisadores (PQ), são da pós-graduação (PG). No trabalho T1, não observou-se um pós-graduando, enquanto no trabalho T2, há a presença de três pós-graduando e no trabalho T3, possui apenas um. Isso parece indicar que essa temática permeia a formação em pesquisa de graduandos.

Nos trabalhos, T1 e T2 é possível observar a presença de mestrandos e apenas no T2 há a presença de técnicos. Deste modo, percebe-se que a temática reune todos os profissionais, desde alunos de graduação, por alunos de pós-graduação, professores pesquisadores e técnicos. Além disso, observa-se que apenas no trabalho T3, há a presença masculina de autor, enquanto que T1 e T2, são formados integralmente por mulheres. Com isso, parece que esta temática é uma preocupação de pesquisadoras do gênero feminino. Esse dado reforça que a luta pela representatividade feminina no meio científico deve ser reconhecida.

Diante da incipienteza de produções sobre a temática no EDEQ e de estudos já realizados na RASBQ, decidiu-se verificar a existência de artigos da QNEsc no período entre 2014 a 2025.

**Tabela 4: Dispersão dos artigos nos QNEsc de 2014 a 2024**

Ano publicação QNEsc/ Edição	Trabalhos	Títulos
2020/ 42º nº4	Q1	Mulheres na Ciência para Crianças: um Relato de Sala de Aula
2021/ 43º nº4	Q2	O caso Alice Ball: uma proposta interseccional para o Ensino de Química Ensino de Química
2023/ 45º nº2	Q3	Julia Hall e o desenvolvimento do Processo Hall-Héroult: o Efeito Matilda na História da Indústria Química
2024/ 46º nº4	Q4	Super Trunfo Científico “Mulheres e a Tabela Periódica”: motivação para futuras cientistas
2025/ 47º no Prelo (maio)	Q5	As mulheres cientistas e a descoberta de elementos químicos

Observa-se na Tabela 4 que o trabalho Q3 aborda sobre o Efeito Matilda com nomes de cientistas que foram vítimas desse efeito. Já os trabalhos Q1, Q4 e Q5 abordam estratégias ou





relatos de estratégias de ensino para evidenciar mulheres cientistas que são muitas vezes esquecidas ou apagadas na história da Ciência. Além disso, observa-se que de 2020 até 2025, há publicações de artigos com a temática de mulheres na ciência ou efeito matilda, anualmente com exceção de 2022, que não teve nenhuma publicação. Esse dado sugere que, embora a pauta venha ganhando visibilidade no campo da Educação em Ciências, sua presença ainda é pontual e possivelmente dependente de iniciativas individuais de pesquisadoras ou grupos específicos. Considerando o período de cinco anos e o número total de apenas cinco publicações, é possível questionar se esse volume é representativo frente à relevância social e educacional da temática. A escassez de trabalhos pode indicar que a discussão de gênero, embora reconhecida em documentos curriculares e em produções teóricas, ainda não foi incorporada de forma sistemática nas práticas e agendas de pesquisa da área. Isso reforça a importância de ampliar e consolidar os estudos que abordem as relações de gênero no ensino de Química, valorizando contribuições que problematizam desigualdades, invisibilidades e a persistente reprodução de estereótipos de gênero nos espaços científicos e escolares.

**Tabela 5: Identificador e título dos Trabalhos sobre Mulheres na Ciência e Efeito Matilda**

ID	Instituições	Autoria
Q1	Universidade do Vale do Itajaí	Gizelle Inacio Almerindo (PQ) Anelise Ehrhardt (PQ) Patrícia F. Scherer Costódio (PQ) Tainara Fátima de Bona (IC) Katlyn Thaís Nalepa (IC)
Q2	Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana	Carolina Queiroz Santana * Letícia dos S. Pereira (PQ)
Q3	Universidade Federal do Vale do São Francisco	Lucas dos Santos Fernandes (PQ)
Q4	Universidade de São Paulo	Glaucia Maria da Silva Degrève (PQ) Gabriel Rossi Saraiva (IC) Naiara Oliveira de Souza (IC)
Q5	Rede estadual de Pernambuco Universidade Federal do Vale do São Francisco	Juliana Magalhães Charamba de Souza (FM) Lucas dos Santos Fernandes (PQ)

\* = licenciada em Química pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelas Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana.



Na Tabela 5, observa-se que a maioria dos autores são professores pesquisadores (PQ) sendo os trabalhos Q1 com três e Q2, Q3, Q4 e Q5 com um. Além disso, apenas nos trabalhos Q1 e Q4 possuem entre os autores dois estudantes da graduação. Também nota-se que três trabalhos (Q1, Q2 e Q4) foram feitos integralmente por mulheres e os dois trabalhos Q3 e Q5 contém a presença masculina, sendo o Q3 feito sem a presença feminina. Ademais, percebe-se que a única presença masculina está presente nesses dois trabalhos. Deste modo, observa-se que há uma tradição de pesquisa pelo autor do trabalho Q3.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho revela uma realidade que ainda persiste: a pouca valorização das contribuições femininas na ciência, especialmente no campo da Educação Química. Ao explorar a presença da temática “Mulheres na Ciência” nos anais do EDEQ e na Revista QNEsc entre os anos de 2014 e 2024, percebemos que, apesar de alguns avanços pontuais, a produção científica nessa área ainda é escassa.

Essa baixa representatividade não apenas reflete a histórica invisibilidade das mulheres na ciência, mas também evidencia o quanto ainda é preciso avançar. Mais do que reconhecer esse problema, é urgente inserir discussões de gênero nos espaços de formação e produção acadêmica. Valorizar a trajetória de cientistas mulheres não deve ser algo pontual, e sim parte de uma educação comprometida com a inclusão e a transformação social.

Eventos como o EDEQ e periódicos da área têm um papel fundamental nesse processo. É necessário que essas instâncias assumam uma postura mais ativa, promovendo debates sobre equidade de gênero e incentivando pesquisas, relatos e práticas pedagógicas que fortaleçam o protagonismo feminino na ciência. Dar visibilidade a essas vozes e histórias é ampliar as possibilidades de uma formação crítica, tanto para docentes quanto para estudantes e contribuir para um campo científico mais plural, democrático e representativo.

Que este trabalho seja um convite à reflexão e um ponto de partida para que novos estudos aprofundem e consolidem a presença das mulheres na literatura da Educação Química. Não como exceções, mas como protagonistas legítimas da história e do futuro da ciência.



## REFERÊNCIAS

- BALDINATO, José Otavio; PORTO, Paulo Alves. *20 Anos de QNEsc: Uma História, Muitas Histórias. Revista Química Nova na Escola*, v. 37, n. especial 2., p. 466 - 171, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0104-8899.20150065> . Acesso em: 12 ago. 2025.
- BATISTA, I. L.; HEERDT, B.; KIKUCH, L. A.; CORRÊA, M. L.; BARBOSA, R. G. e BASTOS, V. C. Saberes docentes e invisibilidade feminina nas ciências. In: Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Águas de Lindóia, SP, 2013.
- CUNHA, Marcia Borin da et al. As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. *Educación Química*, v. 25, n. 4, p. 407–417, 2014. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0187-893X\(14\)70060-6](https://doi.org/10.1016/S0187-893X(14)70060-6). Acesso em: 15 abr. 2025.
- FERNANDES, L. S. Julia Hall e o desenvolvimento do processo Hall-Héroult: o efeito Matilda na história da indústria química. *Revista Química Nova na Escola*, v. XX, n. YY, p. 1-6, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160295> . Acesso em: 10 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KUEHLEWEIN, Isabelle; FARIA, Fernanda Luiza; NOGUEIRA, Keysy Solange Costa. Um Estudo Sobre Gênero e Sexualidade no Ensino de Química. *Revista Virtual de Química*, v. 15., n. 6., p. 1081 -1091, 2023. Disponível em: <https://rvq.sbj.org.br/pdf/v15n6a04> . Acesso em: 23 jun. 2025.
- LEITE, Bruno. O ano internacional da tabela periódica e o ensino de química: das cartas ao digital. *Química Nova*. vol. 42, n.6, p.702-710, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170359> . Acesso em 7 de abril de 2025.
- LIMA, Ana Luíza do Prado et al. Game over: ausência de discussões sobre feminismos e mulheres na ciência no campo dos jogos e nos principais eventos de ensino de Química/Ciências. *Revista Eletrônica Ludus Scientiae*, v. 6, n. 1, p. 137, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/relus/article/view/3840/3220>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- PROENÇA, Amanda O.; BALDAQIM, Matheus J.; BATISTA, Irinéa L.; BROIETTI, Fabiele C. D. Tendências das pesquisas de gênero na formação docente em Ciências no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], v. 19, n. especial, p.98 -107, 2016. Disponível em: [http://qnesc.sbj.org.br/online/qnesc41\\_1/12-CP-42-18\\_ENEQ.pdf](http://qnesc.sbj.org.br/online/qnesc41_1/12-CP-42-18_ENEQ.pdf) . Acesso em: 17 jun. 2025.
- SCHNETZLER, Roseli P. A Pesquisa em Ensino de Química no Brasil: conquistas e perspectivas. *Química Nova*, vol. 25, n.1, p. 14-24, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/KFnNCTjJ73v88VvnS4hGRDc/?format=pdf>. Acesso em: 01 de mar. 2025.
- SILVEIRA, A. M. da; CABRAL, P. F. de O.; QUEIROZ, S. L. Química forense no ensino de química: análise da produção acadêmica nacional (2000 - 2018). *Scientia Naturalis*, v. 3, n. 4, p. 1587-1603, 2021. DOI: 25961640. Acesso em: 7 de abril de 2025

